

A PERTINÊNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DOCENTE: ALGUMAS PALAVRAS

BACK, Angela Cristina di Palma

BARBOSA, Ana Maria Martins

CAMBUTA, Aristides Jaime Yandelela

ROSSO, Aline Casagrande

Resumo: O presente artigo teve por objetivo trazer algumas reflexões sobre a pertinência da leitura como competência a ser adquirida e como apropriação conceitual dos processos na formação docente. A nossa prática se assenta junto ao grupo de pesquisa e trabalho do Observatório da Educação da Capes, por meio do projeto: *Ler e Educar: formação dos professores da rede pública de SC*, a partir do qual nos foi possível realizar esta pesquisa, de natureza bibliográfica, com vistas a trazer contribuições acerca de resultados obtidos, sobretudo no âmbito teórico-metodológico. A pesquisa nesta área tem sido preocupação de vários pesquisadores, entre eles Leffa (2006), Silva (1985), Garcia (1988) e Kleiman (2004) – nos quais este trabalho está embasado –, para compreender as dificuldades e, em muitas vezes, sugerir algumas técnicas com o propósito de mapear a complexidade instaurada no processo de leitura. Os resultados, a exemplo de Silva (2007), demonstram que a apropriação dos processos de leitura pelo leitor-estudante, cognitiva e metacognitivamente, pode avançar sobremaneira, o que significa que o professor, ao se apropriar dos conceitos no entorno do processo, enriquece sua prática, devendo ser um elemento preponderante para que possa adquirir/construir cada vez mais novos conhecimentos e saberes, de forma a promovê-los junto aos seus alunos.

Palavras-chave: Leitura. Formação docente. Educação.

1. INTRODUÇÃO

A atividade de leitura é essencial para o desenvolvimento dos indivíduos. Quanto mais se lê, pressupõe-se que mais conhecimento é adquirido. Desenvolver as habilidades em leitura desde a infância, e, principalmente, no âmbito escolar, se faz cada dia mais apropriado, tendo em vista a situação educacional vigente, que afeta, sobretudo, as escolas públicas. O professor/educador, inserido neste sistema, precisa ser leitor também, pois ele é o mediador do conhecimento; ou seja, o professor precisará ensinar ao aluno as competências em leitura, e, ao mesmo tempo, ser exemplo de leitor.

O primeiro momento deste estudo trata sobre o ato de ler, atividade desenvolvida a partir da interação entre autor e leitor. Cada pessoa, por meio de suas memórias e conhecimento prévio, lê e consegue dar significado à leitura. Isso quer dizer que a leitura é individual, e o leitor irá buscar através das suas habilidades a compreensão do que está escrito.

O segundo momento está relacionado à leitura na escola, atividade iniciada normalmente nos primeiros anos escolares e pode ser desenvolvida por toda a vida do indivíduo. Os alunos passam pela fase inicial até se tornarem leitores proficientes, isso dependendo do seu esforço como membros do processo. Em outras palavras, leitores proficientes são aqueles que compreendem o real significado do texto e trabalham nisso utilizando estratégias. A necessidade, nos dias atuais, é que professor e aluno dominem a leitura, exercitando-a principalmente na instituição escolar. É na escola que professor e aluno, durante o processo de ensino-aprendizagem, desenvolvem estratégias de leitura - as quais serão explicitadas no decorrer do trabalho - e conseguem percorrer o caminho do autor, atingindo a compreensão do texto.

Já, a terceira e última parte deste trabalho, refere-se à formação do professor em leitura - profissional que exerce um papel fundamental na área educacional. As formações de professores, não somente de línguas, na sua maioria, não fornecem aprendizagem em leitura mais aprofundada. Os professores, assim, muitas vezes não são leitores efetivos, e, conseqüentemente, também não conseguem ensinar aos seus alunos a leitura e as estratégias que permeiam esse processo. Muitos são os fatores que influenciam neste déficit de formação, dentre eles: precariedade da formação de professores, condições de trabalho injustas, falta de motivação, entre outros aspectos, que serão adiante detalhados.

2. O ATO DE LER

A leitura é, em si, um ato de interação. Esta se dá a partir do relacionamento entre leitor e autor, o qual escreve para um fim, e esse fim é tornar coerentes suas ideias na mente do leitor. Este, por sua vez, tem a finalidade de não só decodificar, mas também, por meio dessa interação, compreender o significado particular do texto. Isso porque a leitura compreende um processo individual, ou seja, cada pessoa interpreta o texto de acordo com o seu conhecimento prévio, que são as experiências adquiridas e internalizadas na memória.

Do ponto de vista individual, o ato de ler é um processo mental e invisível, daí a complexidade do seu estudo. Esse procedimento envolve memórias individuais, as quais auxiliam na produção de sentido enquanto a leitura é desenvolvida. Durante esse processo, o leitor constrói significados para compreender aquilo que o autor escreveu. Para isso, ele ativa

esquemas, redes neurais de armazenamento de memórias, construídas durante a vida do indivíduo (Leffa, 2006).

Para Magnani (2001, p. 49),

a leitura é um processo de construção de sentidos. Implica não só a decodificação de sinais, mas também a compreensão do signo linguístico enquanto fenômeno social. Significa o encontro de um leitor com um escrito que foi oficializado como texto em determinada situação história e social.

O que vai assegurar o sucesso ou o fracasso de uma leitura são os objetivos propostos previamente. Essa determinação é um processo metacognitivo, ou seja, aquele em que o leitor usa da consciência para monitorar as suas práticas. A proposição de objetivos favorece o leitor à medida que este se motiva para iniciar e terminar uma leitura adequadamente, buscando cumprir o que havia pré-estabelecido. Por exemplo, um leitor com a finalidade de ler para posteriormente escrever e publicar os seus conceitos, enquanto outro que lê para apresentar um trabalho na escola. Cada um lê tendo em vista um objetivo, e essa prática facilita a compreensão e o alcance daquilo que foi preconizado.

Kleiman (2009) pontua que a leitura feita despropositadamente, ou seja, sem objetivos antes formulados, não é nada mais do que algo mecânico e sem sentido. Ela acrescenta que, quando a leitura tem finalidade, o leitor desenvolve estratégias metacognitivas que o ajudarão a ler de forma eficaz. A autora também discorre sobre o levantamento de hipóteses, o qual consiste em elaborar proposições e, conforme se dá a leitura, o leitor as testa, confirmando, refutando ou reformulando a sua hipótese.

Kleiman (*op. cit.*) realça que, no levantamento de hipóteses, o leitor faz algumas inferências que serão comprovadas depois de ter uma compreensão mais abrangente do texto. Isso acontece, na maioria das vezes, com os leitores proficientes, os quais dominam o texto com habilidade e precisão. Ainda, segundo a autora, as proposições feitas pelo leitor são essenciais à compreensão, pois proporcionam reconhecimento eficaz do vocabulário e dão maior sentido ao conteúdo.

Esse assunto tem sido debatido também por Leffa (2006), o qual trata das estratégias de leitura como forma de o indivíduo monitorar seu estudo e se apropriar do texto efetivamente. Da mesma forma, Silva (2007) disserta sobre tais estratégias, as quais foram utilizadas em uma pesquisa com seus alunos de ensino médio e de inglês instrumental. Este

autor considera, a partir do seu estudo, que os alunos pouco ou nada sabem sobre o monitoramento de leitura, e quando o fazem, é sem conhecimento, de forma inconsciente. Isso mostra como é imprescindível que a leitura seja incentivada nos meios escolares, bem como ensinada – tema a ser discutido a seguir -, de maneira que aluno e professor estejam conscientes de como esse processo é importante para a apropriação do conhecimento.

O acima exposto requer que se pondere sobre como a escola pode fazer uso desse conhecimento já produzido pelos autores supracitados na medida em que assume seu papel na formação do cidadão. A seguir algumas breves palavras sobre isso.

3. A LEITURA NA ESCOLA

A atividade de leitura ou, mais especificamente, o acesso a práticas letradas começa, para a maioria da população, dentro da escola, no período da alfabetização. O primeiro passo é a decodificação, na qual o aluno junta as letras para formar o som. Após essa fase, ele começa a interagir com o texto, atribuindo significado a ele.

Segundo Silva (1981), o aluno encontra na leitura uma presença marcante e significativa, e, posteriormente, ele se depara com diferentes tipos de texto, os quais ele levará por toda a sua vida acadêmica. Quanto mais ele lê, mais ele adquire bagagem cognitiva, e é importante que o incentivo também venha da escola.

A leitura é um elemento pertinente no espaço escolar, e está presente não só nas disciplinas que envolvem línguas, mas também em toda a grade curricular. Este tem sido um assunto debatido e difundido em toda a esfera acadêmica, devido à preocupação com o exercício da leitura nas escolas. A leitura nesses espaços, segundo Kleiman (2009, p.30), tem sido

difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino de língua [...] o estudante começa a ler sem ter ideia de onde quer chegar, e a questão de como irá chegar lá nem sequer se põe.

Isso demonstra a importância do papel do professor no processo de leitura, pois este orientará as atividades leitoras, transmitindo ao aluno segurança, e desenvolvendo nele o

gosto pelos livros. Isso, claro, dependerá da experiência do educador com a leitura, se ele busca apropriar-se de conhecimentos advindos dos livros e periódicos, se procura a pesquisa como forma de manter-se atualizado e se usa a leitura como formação pessoal e profissional, temas que serão debatidos a seguir.

4. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM LEITURA

Para Souza (2012), ler e escrever são competências básicas e necessárias de qualquer indivíduo inserido na sociedade letrada. Portanto, é importante que o professor que trabalha cotidianamente na formação de jovens e adultos se mantenha atualizado e esteja em contato com a leitura frequentemente, não só usufruindo das literaturas disponíveis, como também das teorias que irão embasar suas práticas.

Souza (2012) também coloca que o público docente reconhecidamente lê mal e pouco. Pode-se perceber que o aluno da mesma forma lê precariamente, pois, se o próprio professor não tem o hábito da leitura, pouco acrescentará na vida acadêmica do aluno. Se existe uma crise de leitura na escola, o professor está envolvido. Ele não é o único responsável, mas de certa maneira contribui para a desmotivação da leitura quando ele mesmo não a faz.

Em relação a isso, destaca-se o argumento de Silva (1981), quando diz que a leitura no Brasil é contraditória, pois de um lado há o discurso das autoridades, e do outro a preparação carente dos professores. O autor questiona a preparação dos professores como estudantes de licenciatura, se as universidades têm a necessidade de adotar novos procedimentos de formação incluindo nestes o aprimoramento da leitura. De fato, a formação do professor como acadêmico é de grande relevância. Inclui-se neste processo a leitura e o comprometimento em aperfeiçoá-la, para que, desta maneira, o professor, já em sala de aula, consiga ensinar essa competência adequadamente. Isso significa que o professor deve estar cada vez mais atualizado para enfrentar os desafios da prática docente. Conforme afirma Silva (2000, p. 25),

a atualização do professor não visará somente ao conhecimento psicopedagógico e ao conhecimento do conteúdo específico. O professor, independente da disciplina que ensina, deverá refletir também sobre os fenômenos filosóficos, políticos e econômicos.

Esses conhecimentos são adquiridos por meio do esforço do professor leitor, que, por sua vez, vê a sua formação docente como algo que precisa ser refletido e estar em constante construção. O diálogo educacional é inerente à sua prática e o embasamento teórico é um forte aliado para o desenvolvimento da criticidade desse profissional. Garcia (1988) completa que todo professor deve ser um leitor habilidoso e consciente, ou seja, perceber que a sua atitude como leitor não interfere apenas na sua vida pessoal, mas também no conjunto discente.

É importante que o professor seja um exímio leitor. Isso faz com que este profissional tenha conhecimento e domine as estratégias de leitura, tais como a determinação de objetivos e o levantamento de hipóteses, como já explicitado anteriormente. Essas técnicas irão facilitar ao leitor encontrar caminhos adequados para produção de sentido.

Dwyer e Dwyer (2001) afirmam que um dos fatores importantes e que deve ser levado em conta em leitura são as competências do professor. Isso sugere que este profissional, quando bem capacitado, contribui consideravelmente para o sucesso do aluno leitor. Para isso, é primordial que o professor não se limite apenas à graduação como fonte formadora, mas que busque outros estudos e participe de cursos oferecidos à classe docente. Entretanto, de nada adianta o professor participar dos cursos formatórios e não refletir sobre o que ouve. Reflexão é peça-chave para que o professor não só internalize os conceitos adquiridos, mas também reformule suas práticas como docente. Nóvoa (1995) salienta que a formação dos professores não se dá somente por acumulação de cursos, mas sim pela reflexão que estes proporcionam, contribuindo na (re)construção da identidade do profissional.

Durante sua formação, é importante que o professor detenha algumas competências, as quais são inerentes à sua profissão: competências éticas, saberes científicos e críticos, bem como saberes didáticos (Chantraine-Demailly, 1995). Para tanto, faz-se essencial a leitura, de modo que esse profissional aprimore tais competências e consiga redimensionar a sua prática (Kramer, 1994), principalmente no que concerne aos saberes científicos.

Quando se fala em professor leitor, não é possível pensar apenas no aprimoramento de suas próprias habilidades. Isso porque o docente lida diariamente com alunos, e estes dependem do seu exemplo. Ou seja, todas as competências adquiridas na sua formação não são só válidas para a sua carreira, mas também para os educandos que

participam dela. Resende (2009) completa que, “nos cursos de formação de professores, deve haver a preocupação com o aluno leitor, pois esta está intimamente ligada à formação do ser humano”. Disso também trata Silva (2008) quando afirma que “o professor, no que se refere a sua vida como leitor e como responsável pela formação de outros leitores, tem que reaprender a olhar. Olhar para todos os lados, para dentro e para fora. Urgentemente!”.

Exigir do professor que leia e que leia com qualidade é fácil. Isso porque a análise da teoria e dos discursos que se fazem é simples. O necessário, além da análise teórica, é a análise no campo, na prática. Por que o professor investe pouco em leitura, tanto na sua como na dos seus alunos?

Muitos professores vêm lutando durante anos por salários mais dignos e cargas de trabalho menos exploratórias. Às vezes, o baixo rendimento pelo trabalho exercido faz com que o professor trabalhe em mais turnos, o que acarreta falta de tempo para a sua formação, transformando-se em um não-leitor (Silva, 1985). Da mesma forma, ele prepara mal os educandos para a leitura, pois não tem tempo de preparar aulas instigantes e de gosto pelos livros, reproduzindo apenas o que consta no livro didático. Kleiman (2008) acrescenta que, na área de leitura, é precária a formação do professor, assim como a falta de conhecimento das pesquisas na área. Isso faz com que haja consequências negativas para a educação. A autora ainda menciona que, quando o professor trabalha em condições desvantajosas, não se atenta ao material utilizado, se é de qualidade ou não, e muitas vezes sua prática, como o já dito, é pautada no livro didático e em materiais que não proporcionam motivação em leitura.

Ainda nesta temática, Freitas e Costa (2002, p. 135) salientam que:

É preciso que ao professor sejam dadas condições de ampliação de seus horizontes culturais: o contato com bons livros, filmes, peças teatrais. Isso, é claro, só pode acontecer a partir de políticas que incentivem essas práticas por parte do professor, assim como condições salariais que lhe possibilitem o acesso a elas. Só então haverá a possibilidade de um real encontro entre professores e alunos enquanto seres capazes e dispostos a intercambiar suas experiências de leitores/escritores.

Há o desafio, portanto, de se incentivar políticas públicas que apoiem a valorização dos profissionais da educação, bem como salientar a importância da leitura em sua formação pessoal e profissional. Agindo desta maneira, o educador estará mais capacitado e motivado a trabalhar a leitura em vários contextos, principalmente no ambiente escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu suscitar discussões acerca da formação do professor em leitura, analisando aspectos, tais como: qual a importância da mesma, as características desse processo no ambiente escolar e os desafios encontrados pelo educador para aprimorar sua formação neste aspecto.

A partir das teorias analisadas, considera-se que muitos professores não são leitores, e, por isso, não conseguem transmitir esse gosto aos seus alunos. Mesmo sendo esse profissional peça-chave para a formação cultural e profissional de um indivíduo, o trabalho com a leitura não chega a ser o desejável, visto que o professor atualmente não detém de tempo e de motivação para se instruir e aprimorar suas práticas. A falta de estrutura escolar – de uma biblioteca satisfatória, por exemplo – pode também afetar o desempenho do professor com a leitura. Não só deste, como também dos alunos, que, por sua vez, seguem o exemplo do educador.

Mesmo que exista a *internet* e seus infindáveis recursos, o professor ainda necessita de incentivos governamentais, ou seja, formações que o façam refletir sobre o que faz e o que pensa. Cursos que o formariam em leitura, elemento que muitas vezes não fora trabalhado durante a graduação do educador. A conscientização sobre a importância da leitura se faz pertinente, pois, a partir do professor leitor, formam-se alunos leitores, que veem nos livros mais do que papel empilhado; veem também uma oportunidade de aprender mais sobre a língua que utiliza.

O professor que é leitor é capaz de discernir sobre os processos de leitura. Isso quer dizer que ele sabe utilizar estratégias para a melhor compreensão do texto: levantamento de hipóteses, elaboração de objetivos... Se ele domina essas estratégias, ele também pode ensiná-las. Ou seja, o aluno pode monitorar sua leitura, localizando dificuldades e superando-as. Desta forma, ambos – professor e aluno – tiram mais proveito do texto e podem analisá-lo com maior propriedade.

O fruto do trabalho de um professor leitor é a transformação do que era acomodação em criticidade. A formação de alunos leitores e reflexivos tem sido objetivo de muitos professores que não se deram por vencidos frente às dificuldades sociais, ao descaso governamental, à falta de estrutura escolar. Quando a situação educacional melhorar – e

acredita-se que irá – o educador engajado em sua missão possivelmente estará mais motivado a mediar seus conhecimentos e dar maior incentivo à leitura.

REFERÊNCIAS

CHANTRAINE-DEMAILLY, Lise. **Modelos de formação contínua e estratégias de mudança**. In: NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. 2ª Ed. Lisboa: Codex, 1995.

DWYER, E. J.; DWYER, E. E. **Como as atitudes do professor influenciam o progresso da leitura**. In: CRAMER, Eugene H; CASTLE, Marrietta. **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FREITAS, Maria Teresa Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita na formação de professores**. Juiz de Fora: UFJF, 2002.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau: Por uma outra leitura da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 3ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

_____. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 12ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

KRAMER, Sonia. A formação do professor como leitor e construtor do saber. In: MOREIRA, Antonio Flavio B. (Org.). **Conhecimento educacional e formação do professor**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola: Sobre a formação do gosto**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER, Paulo Coimbra Guedes; KLÜSENER, Renita (orgs.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 4ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. 2ª Ed. Lisboa: Codex, 1995.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura e formação de leitores: Vivências teórico-práticas**. Londrina: EDUEL, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O professor e o combate à alienação imposta**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. **Leitura e realidade brasileira.** 2ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca.** 2ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

_____. **Leio, logo existo.** Revista *Leia, Brasil*: há 19 anos transformando o Brasil pela cultura. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/index.php?leia=texto&id=240>. Acesso em: 28 nov 2013.

SOUZA, Ana Cláudia de; GARCIA, Wladimir Antônio da Costa. **A produção dos sentidos e o leitor:** os caminhos da memória. 1ª Ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.